



Jorgete Lemos é diretora de diversidade da ABRH Brasil e da Jorgete Lemos Pesquisas e Serviços

RH TAMBÉM É RESPEITO HUMANO

AINDA SÃO MUITAS AS BARREIRAS PARA O GRUPO LGBT NO MERCADO DE TRABALHO. E FORA DELE TAMBÉM

O Dia do Orgulho LGBTI é 28 de junho. A data marca um episódio ocorrido em Nova York, em 1969, quando frequentadores do bar Stonewall Inn, um local de frequência de gays, lésbicas e trans, reagiram a uma série de batidas policiais que eram realizadas ali com frequência. O levante contra a perseguição da polícia durou mais duas noites e, no ano seguinte, resultou na organização da 1ª parada do orgulho LGBT, realizada no dia 1º de julho de 1970.

Mas a perseguição, a discriminação e as violências contra pessoas por causa de sua orientação sexual ou identidade de gênero, real ou percebida, não acabaram. No relatório *Making love a crime*, a Anistia Internacional mostra que em 38 países da África a homossexualidade é criminalizada por lei e ao longo da última década houve diversas tentativas de tornar essas leis ainda mais severas. A Pesquisa Stonewall também mostra dados desanimadores: por exemplo, em 72 países é ilegal fazer sexo com alguém do mesmo sexo, o que é punido pela morte, em oito.

O Brasil, não fica atrás: somos o país que mais mata LGBT no mundo: um a cada 25 horas. O balanço da Secretaria da Segurança Pública indica que as delegacias de São Paulo registraram, em média, um crime de intolerância a cada 69 minutos, em 2016. Foram pelo menos 7.587 crimes de ódio; 3.216 (42,4%) eram de intolerância racial, homofobia (15,5%), intolerância de origem (12,7%) e religiosa (6,3%).

O mercado de trabalho reflete a sociedade e recebe essas pessoas em desvantagem competitiva, pois a grande maioria (salvo aquelas de famílias de classes sociais mais elevadas) não teve as mesmas oportunidades de acesso e de manutenção

em estabelecimentos de ensino formal, por causa de bullying, discriminação, e ficaram à margem, em casa e na sociedade. E quando começam a buscar trabalho encontram o preconceito.

A recepção dessas pessoas nas empresas deve estar condicionada ao estilo de gestão adotado, ditado pela alta direção e enraizado por meio do RH por toda a estrutura, principalmente a liderança. Um bom exemplo é a Gol, que “abraça a individualidade de cada colaborador”. Lá temos o caso de Nicole Alonso, a primeira comissária de bordo trans do Brasil. Ela teve apoio da empresa para o início da sua transição, contando com a aceitação dos demais colaboradores.

DADOS DA ANISTIA INTERNACIONAL MOSTRAM QUE EM 38 PAÍSES DA ÁFRICA A HOMOSSEXUALIDADE É CRIMINALIZADA POR LEI

Há outros impulsores alavancando a valorização e a promoção do talento LGBT nas empresas. A referência vem da Grã-Bretanha ao adotar, há anos, o Workplace Equality Index – Pesquisa Stonewall, maior ferramenta de benchmark para as práticas empresariais adotadas para o grupo LGBT. Algumas empresas classificadas como Stonewall Top Global Employers em 2017 foram: Accenture; Barclays; BP; HSBC; Thomson Reuters; Vodafone e Baker McKenzie.

Profissionais de RH (de respeito humano), façamos nossa parte respeitando a maneira de ser de cada indivíduo para que tenha orgulho de ser o que é. ■